

## COMUIN

PSEUDÔNIMO: ARGOS

**Maurício Lara Camargos**

Faculdade de Filosofia  
e Ciências Humanas  
Curso de Comunicação Social

Comuin, em paz com o mundo, pensava ali em tudo que a vida lhe oferecia de bom. Calçava um tênis Adidas, vestia um calção Pierre Cardin e fumava cigarros Carlton. Sabia o que queria e usufruía disso. Olhava seu carro 1984 e pensava que com mais alguns milhões poderia adquirir um 0 KM, modelo 1985, que tinha novo desenho no estofamento, frisos laterais salientes, rodas de liga leve redesenhada, pneus com 2 mm a mais de largura e 2 HP a mais de potência. Com ele, poderia quebrar o recorde de tempo que gastava para chegar à chácara recém-adquirida. Talvez, ou melhor, com certeza, gastaria uns 2 minutos a menos que com o carro velho. Chegaria mais rápido. Desde que, evidentemente, saísse de casa numa hora de trânsito tranqüilo. Iria para a chácara, chamaria alguns amigos e mostraria o carro novo, a chácara...

Quem sabe um churrasco no próximo domingo. Mas domingo tem o jogo, jogão, decisão de campeonato e a turma, com certeza, gostaria de assistir. E a televisão do sítio ainda é aquela preto e branco que foi substituída em casa pela colorida. Mas foi lançado agora um novo modelo japonês que desliga sozinho, tem timer, tem controle remoto e garantia até a próxima Copa do Mundo. E está em oferta no Carrefour. Já é mesmo tempo de substituir a de casa e levá-la pro sítio. A preto e branco aposenta. Heroína de muitos jogos, muitas novelas, mas já era! Não

é tão caro. E nem é sonho. Dá pra comprar. Sua ficha é boa e a financeira aprova seu crédito na hora. Afinal, tem muitos anos no mesmo emprego e um ótimo salário. E que salário! Fora as mordomias. E depois dizem que multinacional é nociva aos interesses do País. Tinha um bom salário, assistência médica total extensiva aos dependentes, carro com todas as despesas pagas e status. Bastava dizer que trabalhava lá e todas as portas se abriam. Um emprego! Uma empresa que sabia valorizar seus empregados. Comuin mesmo, dedicado, honesto, trabalhador e responsável, estava fazendo carreira. Possivelmente atingiria cargo de chefia no próximo ano. Aí sim, é que ficaria bom. Seria transferido para uma capital menor, talvez no Nordeste, ou no Norte, ou no Centro-Oeste. Sua mulher teria que abandonar o próprio trabalho, mas que importância tinha? Seu aumento de salário compensaria a perda do dela. As crianças se adaptariam fácil às mudanças e a família toda faria novos amigos dentro da própria empresa. Que futuro! E a experiência que Comuin ganharia? Então estariam recompensados os sacrifícios feitos antes.

Cumprira sempre seus alvos, vendera suas cotas, cobrara suas contas, nada vencido, nada pendente. Com a ajuda dos companheiros, estava chegando lá. Uma grande família. Uma grande empresa. Era uma peça daquela grande engrenagem. Uma peça que não podia falhar. Estavam ganhando mercado, crescendo trimestre a trimestre. Os acionistas na América guardavam os melhores elogios para eles a cada relatório recebido. Que desempenho. Alvos cada vez mais pretensiosos, desafios cada vez maiores. E todos enfrentados e vencidos.

Comuin adolescente tinha medo do futuro. Achava que não conseguiria se dar bem nessa guerra. Mas agora já sabia que tinha sido até fácil. Sua última avaliação de desempenho lhe dera a certeza final: Comuin era foda!

Um pequeno porém fora anotado quanto à sua capacidade de liderança. Isto o preocupava, pois para atingir a chefia, precisava transar com facilidade a liderança. Os demais quesitos estavam atendidos: capacidade de adaptação às novas situações, facilidade de relacionamento, inteligência, coragem para tomar

decisões, engajamento e resistência à fadiga. Estes dois últimos ninguém nunca lhe explicou bem o significado. Mas pelo que sacara, eram dos mais importantes. Engajamento, para ele, era sua adaptação à empresa como um todo. Sua comunhão com a filosofia e política da Companhia. Sua constante preocupação em ter sempre em vista os interesses da Empresa. Mais ou menos isto: este é mesmo o melhor negócio? Daria o melhor resultado a curto, médio ou longo prazo? Comuin era perspicaz e sacara bem o que era o tal de engajamento. Afinal, era «vestir a camisa» da Empresa.

E a tal de «resistência à fadiga»? Esta tinha um sentido literal. Resistência à fadiga. Mas não era tão simples. Queria dizer também que a pessoa devia se superar. Deitar às 3 da manhã, depois de tomar uísque com chefes ou clientes, após uma reunião de trabalho e se apresentar às 7:30 com cara de que dormira muito bem. Enfrentar a tensão de uma semana de uma grande negociação e manter sempre a mesma disposição. Sempre a mesma cara boa. Com pena de nos fins de semana descontar nas crianças e ficar nervoso, ficar sem paciência e dar um esporro quando o mais velho chamasse para jogar bola. Afinal, a família toda deveria auxiliá-lo em seu caminho até o sucesso na carreira.

E tinham as férias. Aí, sim, a família é que se recompensava. E a Empresa pensava até nisso, pois pagava um adicional de férias que permitia férias tranqüilas e despreocupadas. Então, jogaria bola com o mais velho ou faria castelos na areia da praia com o mais novo. É certo que tivera que vender as férias passadas para comprar o carro atual. Mas nas próximas...

Ficava arranhando a tal de capacidade de liderança. Já sacara mais ou menos o que seria isto. Tinha que aprender a escolher entre quem era bom para a empresa e quem não era. Estava aprendendo. Quando demitiram o Mário, Comuin sofrera. O cara era bacana. Sua mulher e filhos se davam bem com sua família. Demitiram-no só porque deixara de cumprir seus objetivos 3 vezes consecutivas. Uma sacanagem. Mas o Mário se ajeitara. Com um salário menor, é verdade, mas se ajeitara. E isto fora há muitos anos.

Agora, recentemente, demitiram o Célio. Era um cara até bonzinho. Também foi porque não cumpria alvos. Mas o Célio não era trabalhador. Queria estar em casa todos os fins de tarde, não trabalhava à noite. Nunca sacrificara um fim de semana fazendo relatórios. Não estava enganado!

Gostava dele e avisara-o: — «Te cuida, Célio». «Estão de olho em você». Não adiantara. O cara continuou tendo outros interesses antes dos interesses da empresa. Foi melhor mesmo demiti-lo e colocar um disposto a trabalhar. O Célio não tinha o perfil necessário àquele cargo.

Os caras parecem que são burros. Não conseguem perceber o que a Empresa quer deles. Tomam decisões precipitadas. Por exemplo: Comuin particularmente ainda não se manifestara favoravelmente nem ao Maluf nem ao Tancredo. Estava ainda avaliando quem seria melhor para a Empresa e conseqüentemente para sua carreira. No início, estava vendo claramente que o Maluf seria melhor. Era um homem jovem, empreendedor, dinâmico, bem sucedido. Enquanto o Tancredo parecia até ser boa gente, mas havia uns caras com ele que não enganavam: deviam ser comunistas. E comunista não dá.

Mas no outro dia soube pela imprensa que Tancredo almoçara com diretores de diversas multinacionais e tranqüilizou-os quanto ao futuro delas no País. E por outro lado, estavam agora com Tancredo homens que, ao que parece, nunca foram muito de esquerda nada. Parece mesmo é que estes caras de esquerda vão é tomar ferro de novo. E em negócio de política e religião é melhor não discutir. O mais sensato é não ir logo se posicionando abertamente, ouvir mais do que falar.

Seu pensamento agora retorna lá atrás e ele se lembra do carro novo. Ficou apreensivo, pois teria que fazer as contas para ver se podia comprar tudo que estava precisando. Ligou para a financeira e se informou sobre as taxas de juros para a troca do carro e a aquisição da nova TV. Tinha que prever também os presentes de fim de ano para toda a família. Os meninos já haviam escolhido seus presentes, de acordo com os lançamentos das

fabricas de brinquedos. Os programas de televisão durante a tarde mostravam a eles as maravilhas de cada brinquedo eletrônico.

O mais velho, já com oito anos, queria ganhar um Atari, o inimigo público nº 1. Moleirão, cria de televisão, quase não gastava energia. Passava horas sentado ou deitado em frente ao aparelho, vendo e revendo todos os programas que surgiam. Já lhe propusera dar uma bicicleta, para ele pedalar, andar, sair daquela sala. Mas ele queria porque queria um Atari, o inimigo público nº 1.

O mais novo, de 3 anos, já ia pelo mesmo caminho. Só não ficava tantas horas quanto o outro na frente da TV, porque muita coisa ele não entendia e então logicamente seu interesse era menor. Mas vira lá no programa da tarde a propaganda de um carrinho que você aperta um botãozinho e solta. O carro vai, vira, gira, rodopia, volta, desvia de obstáculos, etc, etc. Em resumo, queria ganhar um carrinho que brincava sozinho.

E sua mulher era a chefe daquela turma. Achava bom os garotos ficarem vendo TV pois assim davam menos trabalho, brigavam menos, bagunçavam menos a casa. Ela saía à tarde para trabalhar, retornava no fim da tarde e toma novela. Era novela das 6, 7, 8 e algumas minisséries de vez em quando. Adorava ver televisão e comprar. Gordas, acabadas, estava disposta a fazer um tratamento de emagrecimento e rejuvenescimento numa clínica especializada. Essa ela vira foi num programa matinal. Queria também um brinco, igual ao que a Fernanda Montenegro estava usando na novela. Devia custar uma nota. E queria também uma máquina de lavar pratos, e por incrível que pareça não era por influência da televisão. Essa ela queria porque a vizinha tinha.

Para atender à voracidade de sua turma, Comuin tinha que ser pelo menos gerente.

Mas ele não estava longe disso. Breve chegaria lá.